

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CONTRASTE ENTRE O FALSO E O AUTÊNTICO PROFETISMO EM ISRAEL The contrast between the false and the authentic prophetism in Israel

Matheus Ferreira Maia¹

RESUMO

O presente ensaio objetiva apontar o contraste entre o falso e o autêntico profetismo na história de Israel. Sempre que Deus se levantava para falar através dos seus servos, os profetas, falsos profetas também se erguiam para confundir e iludir o povo. Dessa dualidade, o interesse divino e o interesse humano, surge o embate entre os oráculos de Deus e os que profetizavam segundo o seu próprio coração. A partir da visão dos registros dos profetas genuínos, na inerrante Palavra de Deus, características dos dois lados podem ser encontradas. Enquanto o profeta genuíno era chamado por Deus, conhecia os detalhes da aliança do Sinai, tinha um compromisso com a mensagem que Deus lhe transmitia, mesmo que fosse de julgamento, o falso profeta se autointitulava "enviado de Deus" e estava alienado do contexto espiritual, social e político, falava coisas do seu próprio coração e iludia o povo com uma mensagem de falsa paz. Desse contraste surge a pergunta central deste artigo: como discernir o falso do verdadeiro profeta? A partir daí se faz uma análise da vida e obra dos profetas veterotestamentários para se encontrar respostas.

Palavras-chave: Falso Profetismo. Falso Profeta. Profetismo em Israel. Profeta de Deus. Homem de Deus. Profeta verdadeiro. Profeta genuíno. Profeta autêntico.

¹ Mestre em Teologia na FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná, formado em Administração de Empresas com enfoque em Comércio Exterior no Centro Universitário UNA. O autor é Pastor da Igreja Batista Central de Nova Lima/MG e Presidente da CAPAZ – Casa de Apoio Paz. Também é voluntário intérprete da Pioneer Missions Global – instituição de missões Norte Americana que planeja, patrocina e coordena Missões Evangélicas Cristãs em todo mundo e parceiro da Genesis Church – Vero Beach-FL, organizando Cruzadas Evangelísticas nas regiões mais carente do evangelho no Brasil. Email: matmaia@hotmail.com

ABSTRACT

This article demands to point the contrast between the false and the authentic prophetism in the Israel history. Always when God raised up to speak through of His servants, the prophets, false prophets also stood up to confuse and deceive the people. From this duality, the divine interest and human interest, emerge the clash between the oracles of God and those who prophesized according to their heart. Starting from the record of the genuine prophets, in the ineradicable God's word, the characteristics of both sides can be found. While the genuine prophet was God's called, knew the Sinai's alliance details, had a commitment with the transmitted God's message, even though it was a judgment one, the false prophet called himself "sent by God" and was alienated of the spiritual, political and social context, spoke things of his own heart and deceived the people with a false peace message. From this contrast emerges the central question of this article: how to discern the false from the truth prophets? Starting in this point an analysis is made in the old testaments prophets lives and books searching for answers.

Keywords: False prophetism. False prophet. Prophestim in Israel. God's prophet. God's man. Truth prophet. Genuine phophet. Authentic prophet.

INTRODUÇÃO

O profeta é muitas vezes conhecido como um homem de Deus (*Ish Elohim*), mas essa definição, por si só não explica como ele era escolhido, quais eram as suas características e o que o tornava um profeta autêntico, um transmissor autorizado por Deus ou um mensageiro genuíno. Em primeiro lugar, o profeta era alguém escolhido por Deus, chamado por Ele para pronunciar uma mensagem, ou seja, falar em nome Dele. O senso comum entende o profeta como um homem que anuncia o futuro e revela coisas que ninguém sabe da vida particular das pessoas. Apesar do profeta também ser alguém a quem Deus revelava acontecimentos futuros e detalhes da vida de certas pessoas, sempre com um propósito específico, a priori, ele era um homem dedicado a Deus, que interpretava a história, tinha como função exortar, denunciar e condenar os maus caminhos e proclamar a vontade de Deus estabelecida na aliança com Israel no Sinai. Aos profetas foi dado um vislumbre dos acontecimentos futuros, para animar o povo, mas alguém bem disse que os profetas veterotestamentários eram antes de tudo, reformadores da sua geração, pessoas com a capacidade de interpretar a vontade de Deus e transmiti-la para a realidade do povo, custe o que custasse para si e para os outros.

O Profeta também pode ser considerado uma sentinela de serviço, um pastor, alguém que cuidava das pessoas, ensinando e advertindo quanto aos caminhos a seguir e chamando ao arrependimento diante da apostasia. Era um homem muitas vezes solitário, muito criticado e mal compreendido, principalmente, quando em contraste com a "mensagem de paz" dos falsos profetas, pronunciava uma sentença de julgamento da parte de Deus. Por vezes era perseguido, temendo a própria vida, sofria emocionalmente devido a intensa tensão de interesses que o cercavam, o que gerava muito estresse e, às vezes, punição injusta.

Ao contrário destes, a história bíblica também relata e condena os falsos profetas, homens que profetizavam segundo o seu próprio coração ou segundo o interesse escuso, muitas vezes, segundo a vontade de governantes que os sustentavam. Falavam coisas que as pessoas queriam ouvir e não advertiam a nação de Israel do paganismo e sincretismo religioso

que viviam, e o mais grave, falavam em nome de Deus, confundindo e iludindo as pessoas, opondo-se a verdadeira mensagem proferida por Deus através do seu autêntico oráculo. A causa da destruição do povo e da nação de Israel se deu em grande parte por conta dos falsos oráculos e suas falsas profecias. Diante desse cenário bíblico e até atual, pois a história do falso profetismo se repete, surge uma questão de importância: como diferenciar um falso profeta de um verdadeiro? O que torna alguém um profeta autêntico e o que faz de alguém um falso profeta? A partir dessas perguntas, usando o texto bíblico e intérpretes do período veterotestamentário, pretende-se, então, fazer um contraste entre o falso e o autêntico profetismo nos pontos do artigo que segue.

1. BREVE HISTÓRICO SOBRE O PROFETISMO

Com o intuito de entrar no cerne da questão deste artigo, é preciso fazer antes um breve histórico do profetismo em Israel. Uma pesquisa na história sobre quem era o profeta, como ele era escolhido e como ele agia em diferentes contextos, trará entendimento da questão central deste artigo: como fazer a diferenciação do falso para o verdadeiro profeta. O profetismo em Israel cobre praticamente toda a história bíblica do Antigo Testamento (AT), a começar da denominação dada a Abraão (*navi*) até o período exílico. Segundo Isaltino, Abraão é chamado assim, pois tem uma aliança especial com Deus, mas se trata de um peregrino, e não como alguém que descortina o futuro. Moisés é o segundo na lista que se torna um profeta nacional, “um arauto de Deus”, um padrão de profeta autorizado por Deus. No livro de Juízes temos a ocorrência de uma profetisa, *nebî’â*, Débora, governante de Israel e conciliadora de disputas e litígios. Depois dessa, Samuel também se destaca como alguém que interfere na política, ungindo primeiro a Saul e depois a Davi como reis. Apesar das suas diversas funções como juiz, herói e vidente, o destaque na história bíblica está na função profética de Samuel transmitir a palavra de Deus.²

A partir da monarquia até Amós, o profetismo toma novos rumos e Sicre destaca três evoluções do mesmo. O primeiro momento é de uma “proximidade física e distanciamento crítico em relação ao monarca” sendo Gade e Natã os dois profetas mais renomados. Num segundo momento se tem um “distanciamento físico que se vai criando entre o profeta e o rei”. Contudo, o profeta intervinha em assuntos relacionados ao reino e ao rei. Sicre cita o exemplo de Aiás de Siló, que não vivia na corte, mas interfere num primeiro momento, prometendo o reino a Jeroboão I de Israel, porém mais tarde condena o rei pela sua conduta (1Rs 11.29-39 e 14.1-8). O compromisso aqui demonstrado é do profeta com a palavra de Deus e não com os interesses do reino humano. Já no terceiro momento há “um distanciamento progressivo da corte com a aproximação cada vez maior com o povo”. O exemplo é Elias e o Rei Acabe. Diante da necessidade desse Rei, ele procura o profeta, mas não o encontra. Já quando o profeta quer transmitir um recado de Deus, vai ao encontro do

² COELHO FILHO, Isaltino G. **O profetismo em Israel**. 2004. Disponível em <<http://www.isaltino.com.br/estudo/O%20PROFETISMO%20EM%20ISRAEL.pdf>> Acessado em 15/10/2017.

Rei na vinha de Nabot, e em outra situação, encontra o Rei a mando do Senhor e exige a presença de todo o povo (1Rs 18.10s; 21.18 e 19).³

Vale destacar aqui o que é chamado “de século áureo da profecia” (VIII) período de Amós, Oséias, Isaías e Miquéias. Isso porque há um registro grande das profecias, sendo uma marca e um argumento forte contra a desculpa de ninguém ter avisado. Esse período marca o início de uma nova fase no profetismo de Israel, de crítica às condições sociais, políticas e religiosas.⁴

Após essa época, passam-se praticamente 75 anos de silêncio dos profetas de Israel, isso devido ao massacre praticado pelo Rei Manassés, homem sanguinário que derramou sangue inocente. Mas no fim do século VII surgem outros grandes profetas, Sofonias, Habacuque e Jeremias que profetizam no período de intensas mudanças políticas, com domínios dos reinados assírio, egípcio e babilônico, nessa ordem.⁵

Desse breve relato passam-se as terminologias. Uma delas é *navi*, o mais frequente no texto bíblico, com 315 ocorrências. Segundo Sicre, “sobretudo, a partir do final do século VII e durante o VI, coincidindo com a redação da História deuteronomista e com profetas como Jeremias, Ezequiel, Zacarias”.⁶ Outro termo frequente é *Ish Elohim*, que significa homem de Deus. Título dado aos profetas, um reconhecimento dado pela comunidade e não um autorreconhecimento, aparece 76 vezes no AT, com 55 ocorrências nos livros dos Reis, com quase metade das vezes referindo-se a Eliseu (29x) e a Elias (7x).

Já o termo *ro’eh*, que significa vidente, é usado 11 vezes, sendo 6 vezes dirigido a Samuel, e *hozeh* acontece 16 vezes no texto bíblico, 10 vezes em Crônicas. Apesar de Isaltino afirmar que essa expressão (*hozeh*) intercambia-se com *ro’eh*, com sentido de vidente⁷, Sicre traduz o mesmo por visionário, alegando que o papel deste era servir o rei através das suas visões.⁸ Uma espécie de conselheiro do rei sobre as decisões a serem tomadas. Segundo Isaltino, esses dois termos também estão associados a visão, algo que outros não veem, o discernimento. Na LXX esses três termos, *navi*, *ro’eh* e *hozeh*, são traduzidos por *prophetês*. Segundo Sicre usa-se apenas uma palavra de origem grega, profeta, para se referir a diferentes personagens bíblicos com terminologias bem diferentes.⁹

Outros três termos hebraicos são menos usados: *sophi’im*, significa atalaia (Jr 6.17; Ez 3.17; 33.2,6,7); *shomer*, significa atalaia, sentinela, guarda (Is 21.11,12; 62.2) e *raah*, significando pastor (Jr 23.4; Ez 34.2-10; Zc 11.5,16). Contudo, “não têm, no entanto, a repetição e a singularidade dos termos anteriores”.¹⁰

³ SICRE, José L. **Profetismo em Israel**: o profeta, os profetas, a mensagem. 2.ed. Tradução de João L. Baraúna. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 236-237.

⁴ SICRE, 2002, p. 242.

⁵ SICRE, 2002, p. 259.

⁶ SICRE, 2002, p. 81.

⁷ COELHO FILHO, 2004, p. 3.

⁸ SICRE, 2002, p. 77.

⁹ SICRE, 2002, p. 74.

¹⁰ COELHO FILHO, 2004, p. 2-3.

2. OS FALSOS PROFETAS

Segundo Sicre, havia dois grupos distintos de profetas no AT, “o dos profetas e divindades estrangeiras (como Baal) e o dos que pretendem falar em nome de Javé”.¹¹ Contudo, ele afirma que para o estudo do profetismo o primeiro grupo carece de importância, sendo o seu papel apenas pernicioso para desviar o povo na época do profeta Elias. Mas é grave o que fazem os profetas do segundo grupo, pois falam falsamente em nome de Deus e isso tem um peso maior de consequências.¹² É sobre esse segundo grupo, os falsos profetas, aqueles que pretensamente entregavam uma mensagem da parte de Deus, o alvo deste artigo, e que a seguir, passa-se a descrever algumas das principais características. Apesar de Sicre distinguir o primeiro grupo do segundo, ao que lhe parece não era algo simples para o rei e o povo chegar a um discernimento na época com base nas alegações dos profetas autênticos. Sicre cita Deuteronômio 18.21-22 que fala de forma simplista sobre um critério de distinção do profeta enganador para o verdadeiro, que seria apenas “esperar”. Se o que o profeta disser em nome do Senhor não cumprir, então ele será considerado falso profeta. Após a tragédia ter acontecido esse critério não serviria de nada.¹³

Outro texto para compreensão está em Jeremias 28.7-8, neste conflito com Ananias, o profeta afirma que: “Os profetas precederam você e a mim, desde tempos antigos, profetizaram guerra, desgraça e peste contra muitas nações e grandes reinos.” (NVI) Quando um profeta predizia prosperidade, somente ao cumprir-se a profecia dele era reconhecido como profeta enviado realmente pelo Senhor. Aqui o critério seria, o “profeta pessimista” é o que está certo. Porém, esse critério iria contra a profecia de libertação da Babilônia anunciada por Ezequiel e Isaías.¹⁴ Outros critérios internos e externos podem ser listados isoladamente, juntamente com uma análise do contexto, e concluir que realmente era difícil para o povo e/ou o rei discernir quem de fato falava da parte de Deus. Sicre chega a afirmar o seguinte:

Mas os habitantes de Jerusalém não podiam estar tão certos disso. Por isso, nos casos realmente graves, todos os critérios oferecidos pelo Antigo Testamento podem ser desmontados de forma implacável. E o mesmo acontece com os aduzidos pelos comentaristas recentes.¹⁵

Contudo, discorda-se do pessimismo de Sicre, não para o tempo do profetismo em Israel, que como ele demonstra, a partir de uma ou outra característica isolada era difícil para o povo ou para o rei distinguir o falso profano e chegar a uma conclusão. Mas refuta-se a mesma para o tempo atual, pois ao reunir essas características e estudá-las de forma associada, defende-se que é possível discernir o profeta falso do genuíno. Isso com base, principalmente, em duas razões, tratadas com mais detalhes na conclusão. A primeira é de que hoje há toda a revelação fundamental de Deus, as Escrituras, que instruem profundamente sobre o assunto, e a segunda é o penhor do Espírito Santo na vida dos crentes,

¹¹ SICRE, 2002, p. 133.

¹² SICRE, 2002, p. 133.

¹³ SICRE, 2002, p. 133.

¹⁴ SICRE, 2002, p. 134-135.

¹⁵ SICRE, 2002, p. 135.

que comunica com o espírito deles, as duas ligadas e dependentes uma da outra. Listam-se, então, algumas das características pesquisadas do falso profetismo:

2.1 Autodenominavam-se profetas de Deus, mas eram profetas de “outros deuses”

Jeremias 23.13 afirma que: “Nos profetas de Samaria bem vi eu loucura; profetizavam da parte de Baal, e faziam errar o meu povo de Israel” (ARA). No verso 27 está escrito: “Os quais cuidam em fazer que o meu povo se esqueça do meu nome pelos seus sonhos que cada um conta ao seu companheiro, assim como seus pais se esqueceram do meu nome, por causa de Baal” (ARA). Esse texto revela algo colocado por González: “Mesmo que se apresentassem como profetas de Yavé, parece que realmente foram profetas de Baal e de outros deuses, pela teologia subjacente para sua autocompreensão e para compreensão de sua mensagem”.¹⁶

Enquanto o grupo dos profetas genuínos claramente se expressava como sendo profetas de uma missão que não era deles, mas sendo de Deus, e por isso a cumpriam com tanto rigor, os falsos profetas não só usavam o nome de Yavé, mas também profetizavam segundo Baal e “outros deuses”. O próprio fato de falar conforme o costume dos seus pais, que serviram a Baal, revela que nada tinham de missão de Deus, nunca foram escolhidos por Ele e nem falavam em nome Dele. Jeremias 29.21 é outro exemplo do abuso de certos homens usando o nome de Deus e a condenação de Deus sobre eles por conta deste mal praticado. Harrison afirma que os falsos profetas nesse texto “ainda não estavam entendendo a vontade de Deus para Judá, estavam enganando os exilados em Babilônia assim como tinham feito antes de 597 a.C.”.¹⁷

2.2 Falavam de si mesmos, de visões do seu próprio coração

Enquanto o profeta autêntico recebia da parte de Deus as instruções e as transmitia com fidelidade ao(s) endereçado(s), os falsos profetas falavam daquilo que desejavam, falavam de coisas do próprio coração, como é dito em Jeremias: “não lhes falei, todavia, profetizaram” (23.21; A21), “que pregam a sua própria palavra” (23.31; ARA), “falam as visões do seu coração, não o que vêm da boca do Senhor” (23.16; ARA). O profeta Jeremias combatia esses profetas, pois faziam o povo errar através das falas contrárias a sentença de Deus. Muitos falsos profetas do nosso tempo também combatem a vontade de Deus, dando conselhos conforme lhes convém.

O profeta chama esses falsos oráculos de *raposas e loucos* (Ez 13.1-7; ARA), expressões que revelam a completa falta de cuidado com o povo, o total desinteresse com as pessoas e a insensibilidade espiritual e moral dos mesmos pela estultícia de quem fala pretensamente em nome do Altíssimo. A palavra para louco no original é *nabal*, que é usada como antítese de

¹⁶ GONZÁLEZ, A.; LOHFINK, N.; VON RAD, G. **Profetas verdaderos y profetas falsos**. Salamanca: Sígueme, 1976, p. 39.

¹⁷ HARRISON, R. K. **Jeremias e Lamentações**: introdução e comentário. Tradução de Hans U. Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 105.

tudo o que representa a sabedoria, no seu sentido extenso, é aquele inclinado à blasfêmia, ao ateísmo, à sovina e à arrogância.¹⁸

2.3 Profetizavam falsa paz e não se preocupavam com a ferida do povo

Outra característica dos falsos profetas é que “tiravam o castigo de Deus” quando de fato esse estava para acontecer por causa da apostasia. Jeremias observou isso quando disse: “Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz”. (Jr 6.14; ARA); Também hoje muitos falsos profetas costumam dizer, “todo mundo faz”, “não tem problema”, “quem não tem pecado atire a primeira pedra”, “Jesus é amor”, “Jesus andou com as minorias”, “Deus é pai”. E o dizem assim em defesa do erro, em defesa do comportamento que não agrada a Deus, principalmente quando se levanta alguém querendo corrigir o erro, combater a apostasia, o engano. Alguém já disse que “tudo parece ditatorial, para um povo que não tem disciplina”.

Harrison destaca que o falso profetismo foi identificado pelo profeta Jeremias como uma atividade separada completamente da realidade espiritual, moral e política. “Os profetas falsos criam naquilo que eles queriam que fosse verdade, expressando expectativas falsas de paz. Suas visões eram autoinduzidas, não inspiradas por Deus”.¹⁹ Jeremias 7.13-15 traz outro exemplo da falsa profecia com uma mensagem de paz, em completa dissociação com o contexto vivido. O profeta conversa com Deus sobre isso, e o Senhor dá uma sentença sobre aqueles que não querem enxergar sua condição desfavorável pela desobediência. O modo enganoso de proferir palavras em nome de Deus levava o povo a uma completa perdição. O povo ferido era enganado com um diagnóstico errado, e ao invés de curar, os falsos profetas envenenavam a comunidade mais ainda.

Um processo de autoalimentação: as palavras de paz, mas vazias e sem comprometimento com a realidade eram atraentes e interessam tanto para o povo como para os falsos profetas. González afirma que “a acusação não tem outro objeto que denunciar o mal, para colocar o remédio e curá-lo, os falsos profetas não denunciam o mal, ocultam o diagnóstico. E assim não se defende a um povo”.²⁰

2.4 Não tinham compromisso com Deus, viviam uma vida de adultério, corrupção e engano

Essa era a verdadeira vida dos falsos profetas que diziam anunciar “a vontade de Deus”, mas se encontravam na prática de adultério e apostasia. Por isso não anunciavam o que Deus pedia, pois eles mesmos escolheram viver de forma pagã, longe dos preceitos da aliança de Deus. Jeremias os condenou por agirem assim, comparando seu pecado ao de Sodoma e Gomorra: “Mas nos profetas de Jerusalém vejo coisa horrenda: cometem adultérios, andam com falsidade e fortalecem as mãos dos malfeitores, para que não se convertam cada um da

¹⁸ TAYLOR, John B. **Ezequiel**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 110.

¹⁹ HARRISON, 1980, p. 96.

²⁰ GONZÁLES, 1976, p. 41.

sua maldade; todos eles se tornaram para mim como Sodoma, e os moradores de Jerusalém, como Gomorra” (23.14; ARA).

A imoralidade dos falsos profetas envolvia mais do que adultério, mas envolvia embriaguez, mentira, corrupção e impiedade (Jr 5.26-31; Zc 13.2-4). O profeta Jeremias (cap. 5) condenou as tramas de homens ímpios que espreitavam para obter enriquecimento ilícito, a indiferença e a impunidade quanto à causa dos órfãos e necessitados, observou como tudo isso era feito por uma rede de corrupção que envolvia profetas, sacerdotes e a própria comunidade.

2.5 Desviavam o povo para o mau caminho e apoiavam a ilusão de sacerdotes e reis quanto a vontade de Deus

Quando o povo vai mal, lhes falta o conhecimento de Deus trazido por um profeta, foi isso que anunciou Oséias: “Meu povo foi destruído *por falta de conhecimento*” (Os 4.6; NVI). O pronunciamento de falsos profetas é pior do que não ter profetas.

Jeremias acusou os falsos profetas de terem feito perecer o povo e destruírem a nação por conta do modo enganoso de falar (Jr 23.13). Harrison observa que Jeremias advertiu a assimilação do monoteísmo hebraico com o paganismo da religião cananita, contudo os sacerdotes preocupados com o direito de posse foram influenciados pelos falsos profetas na sua ilusão de que o templo nunca cairia na mão dos babilônios, rejeitando as palavras de Jeremias (Jr 6.13; 18.18; 29.25-32).²¹

3. AS CARACTERÍSTICAS DO VERDADEIRO PROFETA

Apesar de serem abundantes os relatos proféticos do AT, diversas tarefas recebidas, que variavam de acordo com o contexto, e muitas denúncias feitas aos falsos profetas, possuem algumas características são bem comuns, de ambos os lados, e podem ser delineadas no sentido de entender a cabal diferença que os contrasta. Esse exercício não é novo, os profetas veterotestamentários se incumbiram de fazer esse trabalho de denúncia, enquanto sofriam na pele os efeitos da mentira e da vergonha pela inversão de valores do seu tempo. No Novo Testamento, Jesus e seus apóstolos como Paulo, Pedro e João advertem quanto aos falsos profetas e alertam para aquilo que acontece em cada período da história, pessoas que não conhecem a natureza de Deus, não tiveram um encontro com a verdade, escolhem o que querem dizer, segundo o deus do seu coração, e falam pretensamente em nome de Deus, proclamando mensagens de paz e prosperidade, enquanto o que se vê, é miséria, guerra e destruição.

Ao fazer uma distinção entre os dois grupos de profetas, verdadeiros e falsos, González levanta cinco critérios de discernimento: critérios históricos (cumprimento da palavra), convergentes, tipológicos, éticos, teológicos e carismáticos.²² Outros autores como R. Chave

²¹ HARRISON, 1980, p. 32.

²² GONZÁLEZ, 1976, p. 46-70.

e Ramlot usam a divisão entre critérios internos e externos, como observa Sicre.²³ Contudo, o alvo aqui é apenas a comparação a partir dos relatos bíblicos e seus comentários, principalmente dos textos bíblicos, que segundo González é onde se encontram as denúncias feitas da atividade dos falsos profetas.²⁴

As razões de listar as principais características comuns entre os profetas veterotestamentários são diversas, mas principalmente de fazer uma leitura, cada qual ao seu contexto, de como agem os “homens de Deus” autênticos, assim como, os falsos profetas. Afinal, como alguém disse, “a história se repete, os inimigos apenas mudam de roupa”. Listam-se alguns traços comuns abaixo, a começar pelos profetas genuínos:

3.1 Escolhidos por Deus para uma missão dele e não de homens

A primeira característica do profeta autêntico é a sua escolha vinda do próprio Deus e não da vontade humana. É Deus quem chama esses homens. Isso fica claro em muitos livros do Antigo Testamento (1Sm 3.4; Lv 1.1; Is 49.1; Jr 1.5). Harrison comenta que Jeremias compreendia “que ele tinha sido escolhido como instrumento supremo da revelação de Deus para sua geração endurecida”.²⁵ Isso também fica claro no chamado para o discipulado de Jesus, muitos são os que se oferecem a andar com Ele, outros Ele até chama, contudo as condições de Jesus não agradam. Portanto, Jesus é quem convida e é Ele também que estabelece os critérios.²⁶

Também pode-se afirmar que muitos profetas, mais do que apenas conhecerem os estatutos da lei e da aliança do Sinai e serem tementes a Deus, tinham experimentado um encontro pessoal com Deus. Como exemplo pode-se citar Isaías, que ouviu a voz do Senhor, depois de ter uma visão com Ele no trono cercado de Serafins. Foi comissionado pelo próprio Deus que lhe transmitiu a mensagem que deveria dizer ao povo (Is 6). Ezequiel teve a visão do Senhor montado no seu carro-trono (Ez 1-3). “É assim que Deus se revelou a Ezequiel, não por proposições acerca do Seu caráter, mas, sim, no encontro pessoal”.²⁷

O profeta era levantado por Deus para uma missão específica Dele e não de reinados humanos. Os interesses do profeta genuíno eram os interesses de Deus e não de homens. O fato dele não se deixar seduzir pela vaidade, cobiça e privilégios, mas anunciar a mensagem de Deus, mesmo que isso significasse uma sentença de julgamento pela apostasia e engano

²³ SICRE, 2002, p. 135.

²⁴ GONZÁLEZ, 1976, p. 36-37.

²⁵ HARRISON, 1980, p. 28.

²⁶ Bonhoeffer, no seu clássico “Discipulado”, faz a exegese da unidade bíblica de Lucas 9.57-62 e demonstra que para seguir a Jesus é preciso dar determinados passos. Ele explica que o chamado ao discipulado parte de Cristo e não é algo que o ser humano pode fazer por si próprio e a seu modo, impondo condições. Ele afirma que Cristo cria as condições para crermos nele, e essa gera obediência. Trabalha as premissas, “só o crê é obediente, e só o que obedece é que crê”. Sendo ambas premissas indissolúveis. Esse passo que damos não é uma obra praticada por nós, mas situação da qual Jesus cria, quando nos chama ao discipulado e acontece quando praticamos à obediência ao seu chamado. Ainda acrescenta que a falta de fé pode se tratar de desobediência e só posso aprender a obedecer, praticando a obediência e não fazendo perguntas (BONHOEFFER, 2010, p. 45-53).

²⁷ TAYLOR, 1984, p. 39.

do povo, dá prova de que ele realmente era escolhido por Deus. Harrison observa que Deus chama homens espiritualmente de destaque “em tempos de grande importância histórica de seu povo”²⁸, e um desses homens foi Jeremias.

3.2 O profeta autêntico era perseguido

O fato de não agradar a maioria dos ouvintes resultava em conflitos, mas talvez, o maior perigo residia na reprovação dos falsos profetas que proclamavam paz e intitulavam o profeta genuíno como alguém que não queria o bem da nação e do povo, alguém que não confia na aliança de Deus, no “mito”²⁹ a respeito do Templo. Jeremias “tinha certeza, como Amós e Oséias, de que a apostasia traria punição terrível para a nação, mas mesmo que isso acontecesse, a graça divina poderia redimir e restaurar um povo arrependido”.³⁰ Jeremias insistiu com o rei Zedequias que se rendesse aos babilônicos, ele não o fez e ainda acusou o profeta de deserção, que foi enviado à prisão (37.3-10; 38.14-23; 37.11-21). Ao falar do risco do papel do profeta, Sicre acrescenta o seguinte:

Às vezes enfrentam situações mais duras. Oséias é tachado de “louco” e “néscio”. Jeremias, de traidor da pátria. Em outros casos veem-se perseguidos. Elias é obrigado a fugir do rei em muitas ocasiões; Miquéias ben Jemla acaba na prisão; Amós é expulso do Reino do Norte; Jeremias passa vários meses da sua vida na prisão; sorte igual cabe a Hanani. E no caso extremo chega-se à morte: este é o destino dos profetas em tempos de Acab e Jezabel; também Urias é assassinado e jogado à fossa comum (Jr 26.20-23). Esta perseguição não vem somente dos reis e dos poderosos; intervém nela também os sacerdotes e os falsos profetas. Até o povo se volta contra eles, os critica, despreza e persegue.³¹

No Novo Testamento, Jesus inclui na lista dos bem-aventurados (Mt 5.10) aqueles que sofrem perseguições no nome Dele e Paulo advertiu que quem quisesse seguir a Cristo piamente sofreria perseguições (2Tm 3.12). João Batista, Jesus e Paulo são perseguidos na função profética, desconhece-se um verdadeiro profeta bíblico que ao anunciar a vontade de Deus não tenha sofrido de algum modo, ou a perseguição física ou a crise emocional.

3.3 É responsável de proferir a mensagem de Deus, seja de julgamento ou o chamando ao arrependimento

Independente da disposição do povo de receber ou não a mensagem, o profeta tinha uma responsabilidade, falar aquilo que Deus queria, e não aquilo que o povo queria ouvir. Deus mostrou claramente aos profetas o pecado do povo e suas consequências. No caso de Amós fica muito claros os pecados sociais; no caso de Ezequiel, os pecados religiosos; no caso de Jonas, a decadência de Nínive, “o profeta veterotestamentário, pois, era essencialmente

²⁸ HARRISON, 1980, p. 11.

²⁹ Os sacerdotes da época de Jeremias confiavam que o Templo não poderia ser destruído e usavam isso para iludir o povo quanto a sua sentença de julgamento (Jr 7.1-15).

³⁰ HARRISON, 1980, p. 28.

³¹ SICRE, 2002, p. 136.

um intérprete, aplicando o que sabia da natureza e das leis de Deus às condições sociais, políticas e religiosas dos seus dias”.³²

O livro de Ezequiel demonstra esses dois lados da vontade de Deus, julgamento e restauração de maneira bem incisiva e clara. Taylor afirmou que o resumo do ensino desse profeta poderia ser feito em duas frases: “*Deus destruirá e, depois de 587 a.C., Deus restaurará e reconstruirá*”.³³ Uma das tarefas mais difíceis do profeta era proferir o julgamento do Senhor sobre a nação de Israel, isso se deve a vários fatores. Primeiro, porque eles eram parte daquele povo, andavam, trabalhavam e comiam juntos, ou seja, conviviam com proximidade aos que estavam sendo condenados. Segundo, porque havia uma completa cegueira espiritual que não permitia o povo de enxergar sua própria decadência, e isso dificultava a proclamação do julgamento.

No pensamento coletivo do povo, talvez isso fosse loucura do profeta ou uma forma de desconfiança das instituições de Israel, como o templo, que segundo a crença era um lugar sagrado e não poderia ser tocado pelo inimigo (Jr 7.1-15). Mas talvez a maior dificuldade dos profetas fosse a oposição da liderança real, sacerdotal e dos falsos profetas. Eles poderiam ferir o profeta, pondo a sua vida em risco, por causa das condenações proferidas. Como carregavam o status de autoridade reconhecida por Deus, influenciavam o povo.

O desfecho do livro de Jonas demonstra como a mensagem profética também é condicional, não se limitando apenas à sentença de julgamento de um Deus irado e desprovido de graça. O chamado ao arrependimento diante da degradação de Nínive evita as consequências de destruição, quando o povo aceita a mensagem do profeta e se volta para Deus.

3.5 Tinha uma vida dedicada a Deus e fazia uma autoavaliação

Mesmo sendo chamados por Deus, falando da parte Dele e sofrendo retaliações, os profetas eram homens imperfeitos, por isso não há por que dizer que o profeta era um “santo”. Abraão mentiu sobre Sara ser sua mulher, Moisés irou-se e quebrou as tábuas da lei, Elias teve medo e fugiu de Jezabel e Miriã sentiu inveja de Moisés. O profeta era considerado como autêntico servo de Deus, pois além de ter sido chamado por Deus, tinha um relacionamento com Deus e era movido pelo Espírito Santo para falar da parte de Deus. Mas ele não era homem perfeito, ao errar, têm-se relatos bíblicos da autoavaliação que muitos faziam, e do arrependimento diante do Senhor, ou seja, permitiam serem confrontados por Deus.

Elias quando estava na caverna, logo após fugir e tentar se matar foi questionado por Deus: “Que fazes aqui?” (1Rs 19.9,13; A21). Wiseman observa que essa pergunta “é sempre o chamado de Deus para o indivíduo reafirmar a sua posição (Gn 3.9) e indica uma repreensão implícita, e ainda evoca nossa confissão de nossos temores e sentimentos”.³⁴ Elias, então,

³² TAYLOR, 1984, p. 38.

³³ TAYLOR, 1984, p. 38.

³⁴ WISEMAN, Donald J. **1 e 2 Reis**: introdução e comentário. Tradução de Emerson J., Vicente de Paula S. e James Reis. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 152.

abriu o coração para Deus e expôs todas as razões da sua depressão, sendo por Deus direcionado e renovado ao descobrir que boa parte do seu arrazoamento era irreal, como o fato do profeta achar que estava sozinho e Deus ter lhe dito que conservou sete mil que não se dobraram a Baal.

3.6 Cumpria sua missão profética apesar das crises emocionais e a desconsideração da nação

Dois profetas em especial remetem à realidade dura que era ter de cumprir o chamado profético e são exemplos de crises emocionais: Jeremias e Elias. O profeta Elias caminhou por um deserto sem provisões e desejava sua morte no auge da sua depressão. Mas Deus o alimentou e o animou através de um anjo e, assim, ele conseguiu prosseguir com o plano de Deus que o faz ungir seu sucessor Eliseu, Hazele, como rei da Síria e Jeú, como rei de Israel (1Rs 19.1-18). Jeremias também viveu uma dura realidade, 40 anos de sofrimento como profeta, perseguido, maltratado, jurado de morte, jogado num buraco, o que o faz ele desejar não ser mais profeta. Mas Deus conservou-lhe a vida e o protegeu, pois desde o início lhe fez uma promessa: “Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor” (Jr 1.8; ARA). No dia da angústia Jeremias clamou a Deus, pedindo cura e salvação, diante da aflição ao cumprir a função profética, e assim recorreu a Deus como “refúgio no dia da calamidade” (Jr 17.14-17; A21).

Outra retaliação sofrida pelos profetas era a repulsa da nação. Oséias 12 registra esse acontecimento, mas especificamente no verso 14. Este texto relata que Oséias teve o trabalho de explicar e defender o seu papel como profeta, mesmo assim suas instruções não foram recebidas, mas antes desconsideradas. Ao comentar sobre isso Hubbard observa que

Já é suficientemente penoso ser chamado de profeta e ter de experimentar uma dor excruciante; receber na própria face as palavras que lhe atiram de volta é totalmente insuportável. Resgatar um bando de escravos e assentá-los numa terra que eles jamais poderiam conquistar nem comprar era uma tarefa trabalhosa; vê-los incorrigivelmente ingratos era mesmo uma provocação.³⁵

Os profetas verdadeiros, mesmo sendo “castigados na pele” ou passando por crises emocionais, cumpriram sua missão, pois essa não era propriamente deles, mas de Deus. E mesmo sofrendo física ou emocionalmente, Deus os levantava e reanimava ou mostrava que o interesse maior era o cumprimento da vontade divina e soberana na história, sem os abandonar.

3.7 Quadro comparativo entre o falso e o autêntico profetismo

Feita uma breve análise das diferenças entre os profetas, segue um quadro comparativo do que foi observado acima sem seguir a ordem enumerada, mas apenas como demonstração de aspectos abordados, perfazendo um claro contraste entre os dois grupos.

³⁵ HUBBARD, David A. *Oséias: introdução e comentário*. Tradução de Márcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 224.

FALSOS PROFETAS	PROFETAS AUTÊNTICOS
Autodenominavam se profetas e falavam pretensamente em nome de Deus	Eram escolhidos por Deus e reconhecidos pelo povo e transmitiam com fidelidade a mensagem de Deus
Profetizavam falsa paz diante do castigo de Deus	Anunciavam o castigo de Deus e conclamavam o povo ao arrependimento
Não tinham caráter, viviam em imoralidade, corrupção e impiedade	Tinham uma vida dedicada a Deus e faziam uma autoavaliação
Curavam superficialmente as feridas do povo	Tratavam a fundo o problema da apostasia, do sincretismo e paganismo
Desconheciam a aliança com Deus	Conheciam a palavra de Deus e tinham compromisso com a aliança de Deus
Anunciavam visões do seu próprio coração	Anunciavam visões de Deus mesmo que isso lhes custasse a vida
Gostavam da cobertura dos reis e sacerdotes	Distanciavam-se dos reis e sacerdotes, pois tinham um compromisso maior com Deus
Procuravam acordos de corrupção para se dar bem	Sofriam perseguições físicas e lutas emocionais
Desconheciam o contexto espiritual, político e social	Conheciam o contexto espiritual, político e social e interpretavam para o povo conforme a vontade de Deus

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer o contraste entre os dois segmentos de profetas a partir da história é mais fácil do que enfrentar o problema de discernir entre o falso e o profano no dia a dia. É muito mais fácil também do que sofrer como um verdadeiro profeta anunciando a verdade de Deus, pois a complexidade do seu trabalho se supera a de um simples mensageiro que entrega uma correspondência sem saber o que vem por dentro. Ele se envolve com a missão de Deus e a mensagem ao povo, que fala a si mesmo antes de qualquer outro, levando o profeta a múltiplos conflitos, éticos, teológicos e filosóficos. Jeremias é um ótimo exemplo do verdadeiro profeta que sofre a dor do povo e a dor de Deus, suas palavras expressam seus sentimentos de angústia, mas também de temor. Para se ter uma ideia do tamanho da responsabilidade do profeta, veja a descrição que Isaltino faz das funções dos profetas atuais.

O profeta tem uma personalidade multifacetada, exibindo vários ângulos. Sabe discordar, sabe denunciar, sabe condenar, sabe confortar, sabe ensinar, sabe interpretar, sabe estimular. Não é um fanático ignorante deblaterando coisas inúteis, mas um homem que entende o mundo e sabe como analisá-lo. E, tendo convicção de que é assim que Deus deseja as coisas, prende-se a isto.³⁶

³⁶ COELHO FILHO, 2004, p. 10.

Mesmo diante de toda a dificuldade de discernimento que se coloca frente ao falso e ao autêntico profetismo, a análise empreendida neste artigo ajuda a ressaltar alguns pontos que são um norte para essa tarefa pessoal e da igreja. Uma das marcas do falso profeta era usar pretensamente o nome de Deus e intitular-se um oráculo Dele. O próprio fato de alguém tomar para si um título e querer que os outros o ouçam, já deveria ser motivo de desconfiança. Ninguém que exerce um papel precisa dizer quem é, simplesmente o cumpre com esmero, ainda mais se foi chamado por Deus. Um pastor comissionado não precisa ficar toda hora lembrando as ovelhas de que ele é um escolhido de Deus e elas têm de ouvi-lo.³⁷ O reconhecimento vem de quem ouve e se submete, pois percebeu sinceridade e autenticidade naquele que fala ou segue. O reconhecimento do profeta bíblico vinha de fora, das pessoas.³⁸ Quem fala em nome de Deus não precisa de um título ou de uma posição necessariamente, precisa que as palavras estejam em concordância com as Escrituras (a mais elevada autoridade da vontade expressa de Deus) e o Espírito de Deus, que comunica com o espírito humano, trazendo paz sobre o que está sendo dito ou feito (Cl 3.15).

Na época dos profetas, a comunidade não tinha acesso à palavra escrita e, portanto, o que era dito não podia ser consultado, sendo ainda mais grave o pretense pronunciamento no nome de Deus, pois o povo ficava a mercê apenas do que ouvia. Como o povo de Nínive, que não sabia discernir entre o lado direito e esquerdo. Essa comunidade não sabia exatamente o que Deus queria, a não ser pelo pronunciamento de um oráculo. Harrison ao discorrer sobre as diferenças entre os falsos profetas e os verdadeiros profetas afirma que

No fundo, o critério para distinguir entre profetas verdadeiros e falsos era a lealdade absoluta e obediência à vontade e palavra reveladas de Deus. Os profetas falsos, em sua espiritualidade deficiente, igualmente não entendiam a maneira de Deus lidar com seu povo. Consequentemente seus pronunciamentos eram falsos, porque não tinham captado o caráter condicional das tradições israelitas em relação à aliança, e por isso mal entendiam completamente a situação política da época.³⁹

A história contida nos livros proféticos veterotestamentários é rica em exemplos de como alguns falsos oráculos, profetas de profissão e de conveniência, rejeitaram a palavra de Deus e, assim, fizeram o povo perecer. Jesus, o maior profeta que já existiu, conhecia bem “essa história” e condenou também aqueles que faziam perecer o povo, impondo pesadas condições, que eles mesmos não conseguiam cumprir. Uma das características que deve ser observada na vida dos profetas, senão a mais importante é quanto ao seu caráter e compromisso com Deus. Um falso profeta não conhece a natureza de Deus, não tem discernimento espiritual, ou seja, não enxerga as coisas pela perspectiva de Deus. Jesus

³⁷ Na verdade, quem usa desse artifício são aqueles que querem dominar o povo, ditadores, líderes autoritários, no meio evangélico, pode-se citar, pastores que usam inadequadamente a palavra de Deus ou doutrinas humanas com pretense caráter bíblico, para dominarem o povo. Augustus Nicodemus Lopes, no seu livro “Polêmicas da Igreja”, usa um capítulo para falar de uma dessas situações, em que cita a expressão bíblica “não toque no unguento do Senhor” (1Cr 16.22), usada por muitos pastores fora de contexto, e assim querem justificar um pastorado autoritário e sem prestação de contas.

³⁸ COELHO FILHO, 2004, p. 1,3.

³⁹ HARRISON, 1980, p. 98.

adverte sobre os falsos profetas e observa como podemos discerni-los. Ele afirma que "você os reconhecerão por seus frutos" (Mt 7.15-20; NVI). Os frutos falam da natureza de uma árvore, uma mangueira não produz abacate e uma figueira não produz laranja, do mesmo modo, alguém que fala em nome de Deus, mas não vive segundo os preceitos da aliança divina, não procura viver uma vida santa e piedosa, não pode ser considerado um profeta genuíno.

Outro aspecto importante do falso profetismo é desconhecer a realidade espiritual, política e social que lhe cerca. Longe de querer ser sempre pessimista e profetizar a destruição, a mensagem profética autêntica tem sempre um tom de alerta, sempre uma exortação a observar os caminhos e viver de maneira a cumprir a aliança de Deus. Contudo, o falso profetismo não "vê mal em nada", uma contradição com a própria condição pecaminosa da natureza humana e uma negação da história de sofrimento da nação de Israel escravizada muitas vezes por nações pagãs, em consequência do descumprimento da vontade de Deus e, ou, desinteresse pela verdade.

Mas nenhum discernimento entre o falso profetismo do autêntico profetismo se dá sem a palavra de Deus e do Espírito Santo. As Escrituras como manual de Deus para homem, inspirada e infalível, é o meio no qual se encontra toda a instrução para discernir os profetas, para julgar seus frutos. Este trabalho foi feito de forma breve a partir do próprio Manual da Vida e de diversos intérpretes bíblicos, devendo ser continuado a cada dia, com humildade, perseverança e oração. Mas a palavra de Deus não anda só e não pode ser discernida sem o Espírito Santo, que conhece a mente de Deus (1Co 2.11,16), que convence o homem do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8), pois o coração do homem é mau e não tem capacidade de discernir a vontade de Deus por si só. Jesus destaca que o Espírito guiará o homem de Deus em toda a verdade (Jo 16.13), Paulo fala do discernimento como dom do Espírito (1Co 12.10), e João afirma que aqueles que não confessam que Jesus veio em carne, não tem o Espírito de Deus (1Jo 4.1-6).

Pode-se salientar que os falsos profetas não têm o espírito de Deus, pois não reconhecem e nem se entregam a Jesus como Senhor e tão pouco reconhecem que nada sabem. Desse modo, não se sujeitam às verdades contidas nas Escrituras. A posição dos falsos profetas é viver de maneira descomprometida com Deus, julgando pela aparência, conforme seu próprio coração, de acordo com a mentalidade da carne, e não segundo a mente do Espírito, que é paz e vida (Rm 8.5-11). González ao concluir sobre os critérios de discernimento entre o falso e o verdadeiro profeta afirma:

Os critérios de discernimento não domesticam o problema, não é um problema de natureza científica ou filosófica; é um mistério de ordem religiosa, e, portanto, não reduzíveis a medidas objetivas.... às vezes é suficiente a observação em primeiro plano para descobrir o charlatão. Mas o juízo definitivo do profeta somente se pode fazer no terreno religioso. Fazer o julgamento implica entrar no mistério da comunicação com Deus; e somente se sabe dela pela comunicação com Ele, da maneira dos profetas.⁴⁰

⁴⁰ GONZÁLEZ, 1976, p. 71.

Ou seja, só se pode discernir o falso profeta do autêntico ao estabelecer uma comunicação direta e efetiva com Deus, e esta se dá por meio da entrega total do ser humano numa aliança com Jesus, que é a única “ponte de acesso”, definitiva e suficiente, a Deus. A partir disso, essa comunicação fluirá cada dia mais pela meditação na palavra de Deus e pela vida de obediência ao Espírito Santo, que vão confirmar ou denunciar o que é dito ou realizado neste mundo.⁴¹

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. **Almeida Século 21**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. **Almeida Revista e Atualizada**. 2.ed. Barueri: SBB, 2017.

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. Traduzido por Murilo Jardelino, Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

COELHO FILHO, Isaltino G. **O profetismo em Israel**. Disponível em <<http://www.isaltino.com.br/estudo/O%20PROFETISMO%20EM%20ISRAEL.pdf>> Acessado em 15/10/2017

GONZÁLEZ, A.; LOHFINK, N.; VON RAD, G. **Profetas verdaderos y profetas falsos**. Salamanca: Sígueme, 1976.

HARRISON, R. K. **Jeremias e Lamentações**: introdução e comentário. Tradução de Hans U. Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1980.

HUBBARD, David A. **Oséias**: introdução e comentário. Tradução de Márcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1993.

NICODEMUS, Augustus. **Polêmicas na Igreja**: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

SICRE, José L. **Profetismo em Israel**: o profeta, os profetas, a mensagem. 2.ed. Tradução de João L. Baraúna. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAYLOR, John B. **Ezequiel**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984.

⁴¹ Uma obra excelente para entender como discernir e viver a vontade de Deus é de Bruce K. Waltke, “Buscar a vontade de Deus, uma ideia cristã ou pagã?” Waltke aborda o paganismo dentro da igreja e diz que isso é imaturidade cristã. Também fala de como Deus se revelou no AT e de como os pagãos buscam a vontade divina. Mas é na segunda parte que o leitor entenderá como Deus se revela ao homem hoje, através do que o ele chama de “programa de orientação de Deus”. Ele demonstra biblicamente 7 passos, sendo o primeiro a leitura da Bíblia e afirma que o relacionamento com Deus é baseado na obediência do homem (WALTKE, Bruce K. **Buscar a vontade de Deus**: uma ideia cristã ou pagã? Tradução de Haroldo Janzen. São Paulo: Vida Nova, 2015).

WALTKE, Bruce K. **Buscar a vontade de Deus**: uma ideia cristã ou pagã? Tradução de Haroldo Janzen. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WISEMAN, Donald J. **1 e 2 Reis**: Introdução e Comentário. Tradução de Emirson J., Vicente de Paula S. e James Reis. São Paulo: Vida Nova, 2006.